

SÃO PAULO, UMA OU VÁRIAS CIDADES E HISTÓRIAS?

PAULO CESAR XAVIER PEREIRA

FAUUSP

"Lastimamos não ter uma palavra exata para distinguir a cidade das aglomerações enormes de hoje em dia."

Eurípedes Simões de Paula, 1954.

INTRODUÇÃO

É conhecido que um conjunto de estudos sobre São Paulo periodiza uma evolução no crescimento da cidade identificando diferentes datas como sendo de sua "fundação".¹ A data de 1872, início do governo de João Theodoro, por exemplo, ficou consagrada pelo historiador Eurípedes Simões de Paula como de uma Segunda Fundação de São Paulo. O geógrafo Pasquale Petrone, acrescenta nesta perspectiva, que na primeira década do século XX registrou-se o que poderia ser denominado de "terceira fundação da cidade". Nesta mesma linha de formulação o arquiteto Benedito Lima de Toledo tornou conhecida a expressão título de seu livro: "São Paulo, três cidades em um século", referindo-se à uma história de várias cidades sendo rapidamente destruídas e reconstruídas, num mesmo lugar, nesse curto período.

A apresentação deste texto objetiva discutir a contribuição dessa historiografia para o conhecimento de São Paulo e valorizar o estudo da construção da cidade como o enfoque que melhor captura o processo das transformações das cidades, como um fenômeno sócio-espacial. Inicialmente, a cidade de São Paulo é apresentada como um processo em construção e se discute como na sua periodização estudiosos, com diferentes formações em pesquisa, utilizaram a metáfora de "fundação" da cidade para datar descontinuidades no seu crescimento. Após indicar que o foco que une esse conjunto de estudos põe em relevo a dimensão material da cidade e contribui para a compreensão da totalidade do processo sócio-espacial, assinala seus limites, para ao final propor encaminhamentos para aprofundar a temática.

1) A fundação da cidade de São Paulo, propriamente dita, ocorreu em meados do século XVI; oficialmente é comemorado como sendo o dia 25 de janeiro de 1554. Não é desta fundação que trata este texto.

1. A Cidade é um Processo.

Cidades são processos em construção, que se transformam sem cessar. No Brasil, atualmente a maioria da população vive em cidades e algumas delas sofrem mudanças semelhantes às de grandes cidades americanas e de outras partes do mundo, que são considerados centros urbanos em degradação, cidades em crise. Em São Paulo a expansão da metrópole contemporânea é tão intensa que parece ser válido dizer tanto que o espaço construído surgido da cidade-vila inicial foi fragmentado em diferentes "cidades" conforme a transformação de suas partes, como que o aglomerado contemporâneo resulta da conurbação de várias cidades: um espaço expandido de cidades relativamente próximas estaria na origem da metrópole atual. De forma que a cidade como processo é hoje mais do que nunca a São Paulo metropolitana, a cidade atualmente em construção. Uma nova cidade?

Neste contexto não deixa de ser interessante discutir como a construção-transformação da cidade de São Paulo, por vezes foi referida na historiografia como “fundação” para caracterizar o surgimento de algo "novo" no seu crescimento. Por isso, aqui não se pretende tratar da fundação da cidade de São Paulo, propriamente dita, cabe resgatar elementos do seu longo processo de construção.

A metrópole de São Paulo originou-se com uma povoação, que se firmou pela construção do colégio de jesuítas, em meados do século XVI e, embora logo tenha se tornado a Vila de São Paulo de Piratininga e tenha sido reconhecida como um espaço de representação da metrópole portuguesa, manteve até quase o final do Império brasileiro as características das suas primeiras construções de taipa.

O uso dessa técnica construtiva persistiu, portanto, por mais de três séculos. Esta persistência foi reconhecida pelo engenheiro e arquiteto Louis Leger Vauthier, que esteve no Brasil de 1840 a 1846, quando em suas cartas, referindo-se à arquitetura doméstica brasileira, afirma que diferente do que ocorre em outras regiões as "casas de taipa caracterizam a Província de São Paulo". (VAUTHIER: 1975, 48). Vários estudiosos da arquitetura e da cidade atentaram para a singularidade dessa técnica construtiva que particularizou e diferenciou a arquitetura paulista das construções de outras regiões da colônia portuguesa.²

Os primeiros registros realizados por Militão, conhecido fotógrafo paulista, mostram essa homogeneidade construtiva da cidade ainda em meados do século XIX. Tendo vivido em São Paulo até quase o final do século, Militão pode registrar em novas fotos a rápida

2) Sobre a particularidade das casas paulistas ver os trabalhos de Carlos Lemos; para uma discussão da persistência das técnicas construtivas são relevantes os trabalhos e levantamentos de Antonio Luís Dias de Andrade. Cabendo lembrar os textos de Luís Saia para uma teorização da cidade e sua região.

urbanização desta cidade e a voraz transformação da sua arquitetura. Foi, sobretudo, no último quartel desse século, já no ocaso do Império, pela diferenciação urbana instalada com as novas construções, significativamente denominadas pelo arquiteto Carlos Lemos de "alvenaria burguesa" que este antigo posto avançado da colonização litorânea passou a assumir, mais claramente, a expressão de burgo cosmopolita e sede da Província de São Paulo. A partir dessa urbanização e da industrialização desigualmente desenvolvida, São Paulo se moderniza, a cidade se expande e rapidamente aprofunda as suas diferenças - tanto social quanto espacial - que internamente lhe dá as características de segregação e, externamente, as de importante centro da organização do território.

No último quartel do século XIX a cidade reconstruída com tijolos encaminha-se para se tornar uma grande concentração fabril redefinindo o seu território. A indústria incipiente gera uma centralização fundamental que redesenha a parte propriamente urbana da aglomeração e a sua influência. Desde as primeiras décadas do século XX serão redefinidas pela presença da economia industrial e do trabalhador fabril tanto as partes urbanas, como as indiretamente urbanas; aquelas servindo aos negócios serão centrais e as outras se definiram como periféricas. Tanto que já em 1920 estavam estabelecidas as bases da concentração industrial em São Paulo e pode-se, considerar que no transcorrer do século XX a cidade só amplia e intensifica a diferenciação sócio-espacial, interna e externa; mas, numa velocidade significativamente maior se transforma de capital provinciana em sede industrial metropolitana.³

Na periodização desse longo processo diferentes autores utilizaram a idéia de "fundação da cidade" para designar datas e diferenciar momentos do seu crescimento, aqueles em que se percebeu descontinuidade no processo de construção do espaço urbano. A data de 1872 ficou consagrada como sendo a de uma nova fundação de São Paulo porque o governo de João Teodoro Xavier, iniciado neste ano, foi acompanhado de modernização urbanística e renovação arquitetônica proporcionada por "construções burguesas". A transformação da cidade foi considerada tão significativa, que o historiador Eurípedes Simões de Paula designou seu estudo como "A Segunda Fundação de São Paulo. (Da pequena cidade à grande metrópole de hoje)".

Esse historiador estava propondo a idéia de fundação, uma metáfora com força de ruptura para expressar e denominar a profunda descontinuidade na transformação de São Paulo acontecida no século XIX. Mas, outras importantes transformações ocorreram tanto que na evolução da construção da cidade há quem tenha sugerido outro momento "fundador"

3) "Já em 1920 estava traçado o destino das regiões no Estado de São Paulo, que as décadas posteriores só fizeram confirmar; nos anos 20 estavam lançadas não só as 'as raízes da concentração industrial em São Paulo' mas também as raízes da divisão inter-regional do trabalho dentro do Estado." (SEADE: 1988; 28)

para a cidade de São Paulo. O geógrafo Pasquale Petrone, por exemplo, menciona uma terceira fundação:

"Dentro, ainda, da primeira década do século XX, registrou-se o que poderíamos denominar de terceira fundação da cidade, em virtude de razões idênticas às que levaram Simões de Paula a referir-se a uma Segunda 'fundação'. Na realidade, sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, passou a cidade por tais transformações urbanísticas e recebeu tais melhoramentos, que somos levados a compará-los aos realizados durante a Presidência de João Teodoro. Tais fatos justificam e confirmam, por isso mesmo, as referências lisonjeiras feitas pelos estrangeiros que nos visitaram, por essa época." (PETRONE: 1958; 121)

Evidenciando a seqüência de rápido crescimento da cidade e com proximidade desta formulação tornou-se conhecida a expressão título de um livro: "São Paulo, três cidades em um século". Neste livro o arquiteto historiador expõe a idéia de uma São Paulo, como um palimpsesto, ao descreve-la sendo constantemente reconstruída no mesmo lugar. A cidade é apresentada tal como se fosse "um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova". (TOLEDO: 1981, 67)

Em seu livro Benedito Lima de Toledo (1981), como que evidenciando a Segunda Fundação, mostra que se da primeira cidade de taipa pouco restou; no mesmo lugar surgiram novas cidades construídas com outros materiais, técnicas e, inclusive, trabalhadores de outras nacionalidades. Conforme o arquiteto:

"Poucas vezes na história do urbanismo terá ocorrido um fenômeno semelhante, uma cidade reconstruída duas vezes sobre o mesmo assentamento. A descoberta de uma cidade inteiramente construída de barro surpreendeu os viajantes no início do século XIX ... Há um século, a cidade contava com trinta mil habitantes e, a partir do momento em que a ferrovia chegou com as novas terras produtoras de café, a cidade conheceu um crescimento incontrolado. Crises econômicas, revoluções, guerras, nada conseguiu infletir a curva de crescimento da cidade. Com os imigrantes vieram novas técnicas de construir e a cidade foi reconstruída integralmente, disso resultando uma nova imagem: a metrópole do café." (TOLEDO: 1981, 141)

Essas rápidas citações procuram indicar que a análise da história da cidade, feita por esses autores, releva a dimensão material colocando em destaque a *descontinuidade* da evolução urbana, pela superposição de uma cidade sobre a outra, ao ser reconstruída no mesmo assentamento. Eles apresentam o mérito de referirem-se atentamente ao espaço construído analisando a presença dos edifícios, obras públicas e demais melhoramentos urbanos para demonstrarem o crescimento da cidade, deixando claro na magnitude dessas constantes reconstruções o seu carácter predatório.

Desta maneira esses estudos ampliam abordagens mais freqüentes da urbanização, que a nosso ver, não compreendem a construção social da cidade e, muitas vezes, por negarem a sua materialidade, acabam na prática forçando um corte na realidade urbana. Os

autores mencionados, - significativamente um historiador, um geógrafo e um arquiteto, - ao contrário não incorrem nesse equívoco, de maneira expressiva trazem para a cena da história da cidade, a análise de representativos elementos do processo sócio-espacial: os edifícios, as técnicas e os materiais de construção, assim como a importância de conhecer as artes e as operações necessárias à construção da cidade.

O interesse de valorizar esse enfoque é que esse foco da história de São Paulo, que analisa o crescimento material da cidade, pode contribuir para ao conhecimento do caráter predatório da sua constante destruição e reconstrução e assim ajudar os seus habitantes a se posicionarem face à necessidade de mudar os métodos de transformação da cidade. Do ponto de vista da metodologia da história, essa historiografia aponta para a necessidade de se tomar consciência da totalidade do processo - que é sempre sócio-espacial, vale destacar, - de construção da cidade.

Assim, pensamos que este conhecimento histórico da cidade em construção poderá virtuosamente não só reviver a memória urbana, como também a esperança de uma vida melhor, porque ao resgatar os elementos da experiência coletiva de construir a cidade conscientiza e responsabiliza as gerações presentes sobre a necessidade de que os habitantes têm de elaborar um projeto duradouro para o seu futuro. Essa história abre-se para a construção de "outra" cidade.

3. Fundação e Surtos: descontinuidades

Mostramos como a cidade de São Paulo é, por excelência, um processo em construção e que diferentes pesquisadores para datar descontinuidades na sua permanente transformação utilizaram a idéia de fundação, uma metáfora. Apontamos que esses pesquisadores ao terem posto em relevo a dimensão material da cidade e na medida que o fizeram sem detrimento de outras dimensões, abriram-se para uma compreensão da totalidade do processo sócio-espacial. Agora queremos discutir que essa abertura feita à base da utilização de metáforas embora tenha revelado aspectos relevantes do crescimento da cidade, também limitou a formação da consciência da totalidade desse processo no pensamento urbano, o que permite assinalar um importante limite desses estudos.

Denominar “fundação o surgimento de uma cidade não é uma metáfora, mas chamar de Segunda Fundação para se referir à transformação de São Paulo no século XIX, como fez o historiador Simões de Paula, certamente é. Utilizando-se do recurso da metáfora o urbanista Francisco Prestes Maia aplicou outra denominação, a de *surto urbanístico*, para se referir a esta importante transformação da cidade. Assim fazendo, de um lado, utiliza uma

metáfora mais fraca que a do historiador para caracterizar esta transformação e, de outro, apropria-se do significado real desta transformação por associa-la a outros momentos que denominou, mais apropriadamente, de "surtos".

Assim, ao operar esta associação praticamente desloca o significado daquela importante, mas lenta ruptura da elite cafeeira com a escravidão e com o provincianismo colonial para outros momentos da história da cidade. Exemplar desta transposição é uma síntese elaborada por Prestes Maia e citada por Petrone (1958):

"Pode-se dizer que a cidade teve quatro surtos urbanísticos de importância crescente. O primeiro, por volta de 1875, no Governo João Teodoro. O segundo, no início do século, na Administração Antônio Prado. O terceiro, envolvendo já apreciável transformação central na Administração Duprat (1911). O quarto, no período 1938-1945, quando foi tentada uma remodelação mais radical e sob critérios gerais de 'coordenação' (em São Paulo, álbum com fotografias coloridas, de Kurt P. Karfeld, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954)." (PETRONE: 1958; 121)

Ao identificar a grande transformação da cidade de São Paulo com o que designa de primeiro surto urbanístico faz mais do que banalizar a caracterização sugerida pela metáfora de fundação, se fecha à noção de transição. Esta noção corresponde a uma fase em que a sociedade passa da dominância de um modo de produção para a de um outro. "Fundação", ao zerar o passado e indicar a sobreposição da nova cidade sobre a antiga, sugere mais que "surto", uma arrancada ou impulso no crescimento da cidade com caráter episódico.

E, mais, ao indicar que os surtos urbanísticos apresentam importância crescente, reduz e inverte a importância e a dimensão das transformações sociais e urbanas. Nesse sentido, veja-se que o geógrafo apoiando-se na síntese citada acima, pode-se dizer, foi levado pela associação proposta por Prestes Maia a registrar o que denominou de "terceira fundação da cidade" ao considerar como realidade que 'sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, passou a cidade por tais transformações urbanísticas e recebeu tais melhoramentos, que somos levados a compará-los aos realizados durante a Presidência de João Teodoro.' (PETRONE: 1958; 121) Trata-se, como estamos argumentando, de uma semelhança entre acontecimentos com proporções para a cidade e em contextos histórico muito distintos.

Prestes Maia ao afirmar, em pleno ano das comemorações do Quarto Centenário, "que a cidade teve quatro surtos urbanísticos de importância crescente" e o primeiro deles se referindo ao Governo de João Theodoro faz com que um contexto - marcado pela emergência do trabalho assalariado e pela moderna propriedade da terra - assinalando as mais profundas transformações sócio-espaciais da história da cidade de São Paulo, torne-se o menos importante. E mais, faz crer que nos quatro séculos de história de cidade de São Paulo, apenas no último destes aconteçam "surtos". Não importa para visão deste urbanista assinalar o que

realmente mudou para que estes surtos urbanísticos começassem a ocorrer com essa frequência insistente, somente nos últimos cem anos.

Importa assinalar, que na visão de Prestes Maia toda transformação da cidade fica atribuída às apreciáveis capacidades administrativas de formidáveis governantes, numa redução da história da cidade, em que estes aparecem como se pudessem ser o motor de tamanha transformação. Com a metáfora de “surto” ele reduz a força da metáfora de “fundação” para aumentar a da figura do governante, figurante que cresce para se transplantar no pensamento urbanístico sobre a modernização de São Paulo, como um elemento fetiche. Como tal, este elemento explicativo teria algum valor no jogo da política local; especialmente, para quem com seus projetos urbanos, como Prestes Maia, se apresentava um propulsor do moderno.

Para desvendar o que a metáfora da "fundação" recobre seria preciso ir além; tratar-se-ia de por em relevo em que condições sociais ocorre a História, tanto que quando Simões de Paula responsabiliza a presidência de João Theodoro pelas transformações de São Paulo e associa o seu governo à idéia de Segunda Fundação da Cidade toma cuidados e aponta para a necessidade de um aprofundado tratamento dessa questão:

"Em 21 de dezembro de 1872 assume a presidência da Província o Dr. João Theodoro Xavier que governou até 29 de maio de 1875. Não queremos dizer tenha sido ele o motor da transformação, mas sim, que durante a sua administração e através dela a semente começava a germinar." (SIMÕES DE PAULA: 1954, 170)

Qual semente começava a germinar? Pensar que os fazendeiros e capitalistas, que ganhavam dinheiro com as plantações no interior e com o comércio internacional do café, teriam vindo construir e morar na Capital apenas pelos esforços do governo parece forçado. Mesmo, assim, devemos considerar que pode não ser um mito desta historiografia sobre a cidade de São Paulo sugerir que João Theodoro tenha sido o primeiro governante a apresentar um urbanismo “moderno” eficaz, que como tal será restrito às elites. Afinal o progresso material e a modernização da cidade começaram no marco da tradição.

Por isso, é preciso considerar a possibilidade desta mistificação. Precisamos avaliar, numa primeira instância, se a tentativa de mitificação não estaria em fazer pensar que a eficácia da transformação da cidade poderia ser um atributo pessoal do chefe de governo e, em última, se essa história permitiria pensar que o controle do crescimento da cidade estaria na administração. A urbanização, mais que a industrialização, está longe de ser um processo inteiramente dependente do poder público. Mas, qual foi na realidade o potencial da gestão urbana, a cada época, em controlar a construção da cidade? Não se indaga sobre a capacidade do governo em controlar e direcionar a construção da cidade, até porque não se quer mostrar que ele é poderoso, mas eficaz.

Nesta figura de governante eficiente se distinguiria um dos outros, mas o fundamento do poder deste governo ficaria sem explicação. Daí que fica nos parecendo, de um lado, que a cada um dos momentos assinalados como surto urbanístico se pretendeu fazer apologia do governante de plantão. De outro, que o urbanismo moderno paulista nasce umbilicalmente ligado às propostas republicanas de cafeicultores que postulam, desde o início, alguma racionalidade na organização da cidade face à emergente questão urbana associada à incipiente industrialização.

Daí entendermos que por isso, a prática e o pensamento urbanísticos paguem - até hoje - um forte tributo a uma mentalidade patrimonialista de raízes rurais, que apesar de influenciada, cada vez mais, pela perspectiva industrializante, esta nunca se completa. A lógica rentista que, desde o início, orientou a dinâmica imobiliária domina, até hoje, a construção da cidade, influencia as práticas e o pensamento sobre ela. Embora a prática dessa dinâmica esteja, quase sempre, centrada na figura do governante, para a sua compreensão o foco de análise deve-se deslocar para a interação dos atores sociais que, direta e indiretamente, são responsáveis pela produção do espaço. Na interação desse conjunto de atores, em que a presença do poder público se torna um pressuposto da defesa do “bem comum”, é que se constitui a dinâmica que constrói a cidade

A tentativa no sentido de desenvolver esse pensamento sobre a ótica da produção do espaço, ou seja, que desmistifique aquelas instâncias da explicação histórica do crescimento da cidade precisa considerar, conforme entendemos, que a urbanização e a industrialização em São Paulo, desde o último quartel do XIX, assumiram importância pelo tamanho da diversificação da economia cafeeira na migração dos investimentos para a infraestrutura ferroviária e para os melhoramentos urbanos favorecendo a concentração de fábricas e trabalhadores na Capital. Nesse mundo em transição, que se tornava mais urbano e capitalista pela sua própria modernização, é preciso ressaltar se constituíam novas relações sociais de produção e novas formas de apropriação da riqueza: o uso mercantil do espaço fundamentava uma industrialização incipiente que reconstruía a cidade e renovava a sua arquitetura.⁴

Sobre esse mundo que nascia com a sua própria transformação ressaltam-se os elementos mais visíveis, foi dito que:

"Essa história começa há um século com um silvo de trem. São Paulo estava deixando de ser uma cidade de tropeiros. ...
O trem que desceu carregado de café pode, agora, subir com material de construção para se fazer uma casa igual àquela em alguma capital européia. É possível morar com desafogo e conforto na capital. Como na sede de fazenda, como na Europa."
(TOLEDO: 1981, 67)

4) Cf.: A pesquisa que empreendemos sobre o desenvolvimento das técnicas de construção associado à lenta transformação da organização do trabalho e da propriedade da terra, no século XIX, resultou na dissertação de nosso Mestrado. A discussão sobre a modernização de São Paulo, a partir da urbanização e da indústria, na passagem para o século XX resultou em nosso Doutorado, constam da bibliografia.

É como se o trem trouxesse o palacete europeu. A história profunda recoberta pela proposta de uma "segunda fundação da cidade" não se desvenda em seus fundamentos. Levado pelas semelhanças das transformações urbanísticas já citamos como o geógrafo pretendeu registrar uma "'terceira fundação da cidade' em virtude de razões idênticas às que levaram Simões de Paula a referir-se a uma segunda 'fundação'." (PETRONE: 1958; 121) De forma que um problema para esta historiografia é determinar: este "surto" e os que se seguiram no século XX seriam tão significativos para a cidade, em termos de construção de novos espaços e sociabilidades, como foi o primeiro deles?

Pensamos que não, entendemos que a uma "fundação" conota transformações mais profundas na vida da cidade do que "surto". Todavia, não pretendemos, neste texto, resgatar e avaliar o significado histórico destes momentos do processo de construção da cidade. Por ora, estamos com o que o arquiteto Benedito Lima de Toledo, resumidamente, aceita notando que "grandes transformações urbanas em São Paulo notabilizaram-se em períodos claramente delimitados." (TOLEDO: 1996; 17) Ou seja, embora a cidade esteja em transformação permanente do ponto de vista da sua história houve *descontinuidades* importantes na construção de São Paulo, que poderiam ser claramente definidas em momentos precisos de uma linha de tempo.

O arquiteto após reconhecer que a designação de surtos urbanísticos é próprio da visão Prestes Maia, afirma:

"ser sintomático ver o mais reputado urbanista paulista encontrar, na ocasião em que a cidade completava quatro séculos de existência, apenas quatro momentos onde os poderes públicos teriam tido iniciativas tais a merecer o enquadramento de um surto. Quatro surtos em quatro séculos e todos ocorridos após o advento da era ferroviária, ou seja, após a Segunda Fundação de São Paulo, para usar a consagrada expressão do Professor Eurípedes Simões de Paula." (TOLEDO: 1996; 15)

Nesta afirmação se o que está em jogo é a diferença na interpretação de "surto" e de "fundação" pode se assinalar uma diferença entre as visões do urbanista e do arquiteto. Enquanto Prestes Maia enfatiza a capacidade administrativa do governante, o arquiteto Benedito Lima de Toledo como que desloca a ênfase nos poderes públicos e resiste à redução da idéia de "segunda fundação da cidade" realizada por esse urbanista. Apoiando-se na metáfora do historiador Simões de Paula reitera a idéia de fundação e o advento da era ferroviária, este já assinalado em obra anterior como um fator de ruptura na São Paulo do século XIX: "Até o advento da ferrovia, São Paulo era uma cidade de barro ('a mud city', como a chamou um viajante inglês)." (TOLEDO: 1981; 13) Por isso, nosso ponto de vista é que a visão do arquiteto fica entre o entendimento de surto urbanístico e o de "fundação", e mesmo

que insista em diversas cidades sendo reconstruídas, o que caracteriza a seqüência de reconstruções são fatores episódicos, que se aproximam da noção de “surto”.

O historiador em sua monografia “A Segunda Fundação de São Paulo” já tinha considerado a ferrovia como um entre vários fatores, não dava maior destaque a esse como não deu ao poder público. Simões de Paula considerava estes fatores como parte de um conjunto de outros que caracterizavam a transformação da pequena cidade na grande metrópole. Tanto que dizendo respeito à busca de um ponto de partida dessa transformação na São Paulo do XIX relacionou os dados na seguinte ordem: a) Presidência de João Theodoro, b) Colonização e Imigração, c) Vias férreas, d) Crescimento da População, e) Rendas da Província. Como afirma:

"Depois de consultar estatísticas e vários livros, chegamos à conclusão de que pelo ano de 1872 começou a transformação de São Paulo. Mas, queremos desde já tornar claro que, sem certos fatores anteriores, absolutamente não se teria dado êsse progresso, e que essa mudança não pode ser marcada em um dia certo, nem mesmo em determinado ano. É o resultado conjugado de vários fatores políticos, econômicos e sociais." (SIMÕES DE PAULA: 1954; 168)

Já assinalamos que uma das características da metáfora de "fundação" é por em destaque a descontinuidade do processo de construção da cidade, numa linha de tempo: a passagem da pequena cidade-vila à grande cidade. Mas, nesta linha, mesmo se limitado à magnitude das transformações materiais e à oferta de melhoramentos, aquele processo tem inflexões que não se limitam ao tempo social, pois abrangem, também, uma dimensão espacial. No processo de construção social da cidade há contrastes materiais que tornam visível a descontinuidade espacial, por exemplo, os loteamentos e os arranha-céus. Esses contrastes materiais expressam a descontinuidade espacial da cidade - quer no seu crescimento horizontal, quer na construção vertical. Eles manifestam-se simultaneamente e despertam outro tipo de atenção, por exemplo: as distâncias entre as atividades, a altura dos edifícios e o alargamento da área urbana. Enfim, aspectos que se relacionam à produção da segregação.

Para uma caracterização desses contrastes da descontinuidade espacial recorreremos ao Professor Petrone para quem:

"chega a impressionar a enorme extensão dos *loteamentos* na periferia da cidade ... Na verdade, a especulação imobiliária fez com que fôssem arruadas e loteadas extensas áreas, próximas ou bastante afastadas da cidade ... Tudo isso serve para demonstrar a maneira completamente anormal e sem nenhum planejamento pela qual se vão processando tais loteamentos. Mais grave ainda é o fato de estarem sendo ocupadas áreas muito distantes do centro da cidade, ao mesmo tempo que, dentro dela, continuam a existir vazios, à espera de valorização. ... Também ligado à especulação é o característico que faz São Paulo recordar, no seu aspecto, as grandes cidades dos Estados Unidos: o número sempre crescente de *arranha-céus*." (PETRONE: 1958; 155)

Esse autor dirige uma crítica acerba ao crescimento desenfreado e especulativo de São Paulo que sem se diferenciar da visão do urbanista aponta como causa dos males no crescimento da cidade a ausência de governo. Nesta ausência estaria a base do crescimento “desordenado” da cidade. Embora este ponto de vista venha sendo reiteradamente repetido, não tem acrescentado muito à compreensão crítica do processo sócio-espacial de produção da cidade. Porque, quase sempre, trata-se de um julgamento que não avalia e nem contextualiza o poder do planejamento em sua interação com os atores sociais que atuam na produção do espaço urbano. É nessa interação que se produz a segregação – simbólica e material - na cidade. Por isso, essa crítica vale muito pela denúncia do caráter predatório da construção da cidade e menos pelo entendimento que oferece sobre a produção social do espaço para o pensamento urbanístico.

Para um pensamento urbanístico crítico torna-se necessário desenvolver os estudos sobre o espaço – sua produção, apropriação e uso - e os seus efeitos na vida urbana; enfim, resgatar a totalidade do *viver na cidade* reconhecendo a unidade do campo dialético a ser observado na relação espaço-tempo ou, como vem propondo geógrafos e urbanistas, na relação dialética entre espaço e sociedade.⁵

Afinal, a transformação-construção do espaço urbano apresenta simultaneidade e não é simples, com vimos, periodizar a diferenciação socio-espacial da cidade. Além disso, no mundo contemporâneo esses estudos tornam-se, cada vez mais, importantes para compreender o crescimento da cidade e caracterizar as suas discontinuidades, no tempo e no espaço. Até porque esta cada vez mais freqüente que um projeto de arquitetura ou urbanismo apresente aparente descontinuidade histórica e faça supor rupturas no processo sócio-espacial, onde a análise refinada revela uma realidade urbana travestida: uma espécie de transformismo pelo qual se mantém e se dissimula a continuidade de poderes estabelecidos, não necessariamente daqueles que querem uma cidade mais humana. Vide o fiasco recente das propostas pós-modernas. Nessas condições de produção do espaço, tanto a descontinuidade espacial porque é segregação, como a descontinuidade transformista da história porque travestida apenas reforçam a dominação e tornam possível (ou ao menos facilita) a continuidade

5) Cf.: Ainda recentemente, Flávio Villaça, arquiteto com formação em geografia, assinalou, a nosso ver, para ausência de história nos estudos sobre o espaço urbano. "A maioria dos estudos socioespaciais produzidos nas últimas décadas parte das transformações na estrutura social (particularmente das transformações econômicas) para daí deduzir e explicar as transformações no espaço./ A esse respeito é possível distinguir três esferas nos estudos espaciais: 1. Os estudos tradicionais, que vêm desde a Escola de Chicago, ... 2. A segunda esfera refere-se aos estudos dos efeitos do espaço produzido sobre o social. Estes acham-se bem menos desenvolvidos. ... 3. Finalmente há uma terceira esfera, que talvez seja mais correta, mas que está num estágio extremamente rudimentar. Os das relações entre espaço e sociedade. A esse respeito, Soja (1980) e Gottdiener (1985) falam muito da necessidade de uma análise das relações espaço-sociedade, mas avançaram muito pouco nesse campo." (VILLAÇA: 1999; 222)

do domínio político e ideológico de práticas, que por seu caráter predatório, pouco tem contribuído para a melhoria da vida na cidade.

Conclusão

"Lastimamos não ter uma palavra exata para distinguir a cidade das aglomerações enormes de hoje em dia." Fazemos nosso o que escreveu o historiador Eurípedes Simões de Paula há quase meio século, porque essa dificuldade, ainda hoje, expressa o relativo atraso do pensamento urbanístico e um desafio a ser enfrentado por todos que querem contribuir para o conhecimento da história e colaborar para a melhoria da cidade.

Pela consideração dos autores citados podemos concluir que ao darem relevo à materialidade na permanente transformação da cidade de São Paulo permitiram compreender que ela é parte de um processo sócio-espacial mais amplo, onde em alguns momentos se manifestam visíveis *descontinuidades*. Entre essas, foram destacadas as transformações urbanas consideradas grandes e atribuídas ao poder público, mais precisamente ao governante em exercício no momento, não só porque se pretendia valorizá-lo perante à sociedade local, mas porque os autores não se deram conta do tamanho da interação social e do conjunto de atores, que direta e indiretamente, são responsáveis pela produção do espaço

Concluimos que ocorreram profundas transformações em São Paulo no século XIX, que fazem considerar o ano de 1872, como de uma Segunda Fundação de São Paulo. Neste caso, a metáfora de "fundação" assume o seu sentido mais forte, praticamente "zera" o passado e se abre para a noção de transição ao enfatizar o ponto de partida para uma nova condição de morar - seguindo os moldes europeus - em uma nova cidade: São Paulo, 1872. Porém, sem abordar mais amplamente a questão histórica da transição ou sem particularizar a passagem de uma cidade para outra cidade toda reconstruída com tijolos, ficam em aberto importantes discussões sobre a produção do espaço. De forma que o registro de uma "segunda fundação" obscurece a necessidade de compreender o que o próprio uso da metáfora revela: a mudança do espaço urbano.

Foram identificadas outras transformações significativas, como as do centro da cidade na primeira década do século XX, que possibilitaram ao geógrafo Pasquale Petrone registrar uma 'terceira fundação da cidade'. Trata-se, a nosso ver, do sentido mais fraco da metáfora de "fundação". Porque, embora o geógrafo assinala para esse registro a existência de razões semelhantes às que levaram o historiador a indicar uma "segunda fundação" da cidade, consideramos que o início do século XX não oferece o mesmo radical de transformação da São Paulo do século XIX. Nesse sentido, a transformação da cidade na primeira década do século XX se prende mais à fisionomia das áreas centrais e tem maior proximidade com a idéia de

"surto urbanístico", denominação dada por Prestes Maia para nomear o fenômeno das transformações urbanas, que considerou grandes e quis por em destaque no ano das Comemorações do Quarto Centenário de São Paulo. As quatro transformações da cidade, nomeadas como "surtos", expressavam uma seqüência intervenções modernizadoras, para as quais os seus projetos urbanos certamente estavam colaborando.

Por outro lado, Benedito Lima de Toledo com seu livro "São Paulo, três cidades em um século" sugere a sobreposição de uma cidade reconstruída sobre outra e se aproxima da idéia de fundação para descrever as transformações ocorridas no século XX. Todavia apresenta um entendimento da transformação da São Paulo do século XIX mais próxima da noção de "surto", porque a entende a partir de fatos episódicos - o trem, o imigrante, os novos materiais - sem considerar o alcance das mudanças assinaladas. Assim, fecha-se para a noção de transição, por exemplo, assinala que o trem, que desce com o café, traz o imigrante, sem, contudo analisar a transformação do trabalho. Dessa maneira aponta, mas não discute emergência do trabalho livre e assalariado se associava à diversificação dos investimentos na economia cafeeira, que se tornavam, cada vez mais, urbanos.

Enfim, esses autores deram relevo à cidade e colocaram em evidência o espaço construído, propriamente dito. Ao tratarem das transformações urbanas - utilizando-se de metáforas como "fundação" e "surto" - contribuíram para uma história do crescimento da cidade e aproximaram-se do estudo da produção do espaço urbano. Referindo-se aos edifícios, obras públicas e urbanas descrevem os materiais de construção e a técnica construtiva. Preocupando-se com quem mora ou não na cidade e com quem constrói apontam para o planejamento e a especulação. É nesse sentido que contribuíram de maneira significativa para o conhecimento da construção da cidade e constituição de uma historiografia sobre esta temática.

Bibliografia

- BATTISTI, Emilio. *Arquitectura Ideologia y Ciencia*. Madrid: H. Blume Ed., 1975.
- BORJA, Jordi & CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997
- LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999a.
- LEFEBVRE, Henri. *Revolução Urbana*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *La Survie du Capitalisme*. Paris: Antrhropos, 1973.
- LEMOS, Carlos. *Alvenaria Burguesa. Breve História da Arquitetura Residencial de Tijolos em São Paulo a partir do Ciclo Econômico liderado pelo Café*. São Paulo: FAUUSP, 1983
- MARTINS, José de Souza. *Reforma Agrária: O Impossível Diálogo*. São Paulo: Edusp,
- MARX, Karl. "Prefácio à 'Contribuição à Crítica da Economia Política'." In: Karl Marx & Engels, Friedrich. *Textos 3*. São Paulo: Edições Sociais, s. d.

- PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *Espaço, Técnica e Construção*. São Paulo: Nobel, 1988.
- PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *Questão da Construção. Urbanização e industrialização em São Paulo: 1872-914*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- PETRONE, Pasquale. "São Paulo no século XX." In. AZEVEDO, Aroldo. *A cidade de São Paulo*. volume II. A evolução urbana. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1958.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978a.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico internacional*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. São Paulo (Estado) - *A Interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)*. Vol. 1, N°. 1, São Paulo: SEADE, 1988.
- SIMÕES DE PAULA, Eurípedes. "Contribuição Monográfica para o Estudo da Segunda Fundação de São Paulo." In.: *Revista de História*. São Paulo: FFCL/USP, n. 17, 1958.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo*. São Paulo: EA/ABCP, 1996.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo Três cidades em um século*. São Paulo: Duas cidades, 1983.
- VILLAÇA, Flavio. "Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira." In.: Orgs. Maria Adélia Aparecida de Souza... [et al.]. *Metrópole e Globalização. Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP, 1999.

Paulo Cesar Xavier Pereira
Sociólogo, Professor Doutor
Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Email: pcxperei@usp.br